



## Provérbios Africanos em Tampas de Panelas de Barro, o Olhar Linguístico e a Sociologia das Emoções<sup>1</sup>

César Costa Vitorino<sup>2</sup>

### Resumo

Os provérbios são expressões ricas em contexto poético e enigmático. Eles ajudam na construção de valores éticos e morais de uma sociedade. A pesquisa relacionada ao estudo de provérbios Cabinda em tampas de panelas é inovadora na área de Linguística e nesse estudo faz-se articulação com a Sociologia das emoções. O objetivo geral é discutir os conceitos de provérbios como objetos etnográficos que expressam valores culturais de uma determinada comunidade. O estudo analisou conselhos, em forma de provérbios, que os cabindenses, povo africano, tinham a dar aos filhos antes e depois do casamento. Os testos (vem do latim *testu* que significa tampa de barro para vasilha da mesma substância), esculpidos em tampas de panelas, além do seu valor artístico, funcionam como uma espécie de cartas dirigidas a alguém. Enfatiza-se a perspectiva sociológica das emoções, relacionando os sentimentos como raiva, deferência, inveja, afeto, alegria, culpa, entre outros, a fatores e contextos sociais (HOCHSCHILD, 2003). A linguagem proverbial impressa nas tampas esculpidas nos permite compreender que, apesar de a palavra ser silenciosa, está sempre presente, materializada em objetos, formas e representações gráficas. Silenciosa, mas não menos eficaz ao incorporar em si as ideias-força que se tornam símbolos tão ou mais importantes do que a palavra enunciada.

**Palavras-chave:** Provérbios africanos; Linguística Cognitiva; Teoria dos Espaços Mentais.

### INTRODUÇÃO

O estudo de provérbios africanos nos permite observar a cultura e, sobretudo, a identidade do povo cabinda, em Angola, África. Cada provérbio se mostra, no seu dia a dia, nas manifestações de seu povo, como uma sentença moral que expressa uma verdade adquirida através da experiência de vida de uma comunidade. O provérbio é, quase sempre, construído através de uma frase curta, capaz de fazer referência a diversas questões da existência do ser humano.

---

1 Trabalho apresentado no GT 7: III Seminário Nacional de Sociologia - Distopias dos Extremos: Sociologias Necessárias 08 a 16 de Outubro de 2020 - Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe.

2 Professor Doutor em Letras. Professor Permanente do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa Social (MPIES)/UNEB. Professor do Colegiado de Letras Vernáculas, DCH I / UNEB. Professor Doutor II do curso de Pedagogia da Fundação Visconde de Cairu (FVC).



A questão norteadora da pesquisa é: Os provérbios Cabinda, expostos em tampas de panelas, enquanto objetos etnográficos, expressam valores culturais de uma comunidade de tradição oral?

O objetivo geral consiste em discutir os conceitos de provérbios como objetos etnográficos que expressam valores culturais de uma determinada comunidade.

Os provérbios possuem inúmeras características, mas para o presente estudo, vamos considerar as mais relevantes, a partir do nosso olhar: a) lidam com relações lógicas; b) podem ser metafóricos; c) são anônimos, frutos da experiência de uma determinada comunidade (povo); d) possuem formas fixas, cristalizadas e recursos linguísticos que favorecem a sua memorização; e) refletem maneiras de pensar universais, verdades palpáveis de conteúdo moral ou prático e de veiculação popular que se reveste com uma aparente simplicidade, de componentes bastante diversos.

Na maioria das culturas orais da África Negra, os provérbios constituíam-se em momento de grande privilégio para a transmissão de uma sabedoria tradicional. Por estarem centrados, prioritariamente, em valores comunitários, os provérbios, de certa forma, apelavam para uma agilidade de espírito capaz de atualizar o conhecimento da experiência ancestral.

O povo cabinda tinha os seus conselhos a dar, um autêntico compêndio doutrinal de real apreço, apresentado em tampas de panelas de barro. É nos possíveis diálogos entre os animais e as coisas a dialogar, tal como os antigos fabulistas, que os vícios humanos são apresentados em forma de provérbios.

Obelkevich (1997) argumenta que todo provérbio serve como veículo não só de conhecimento moral, mas também do prático, daí acrescentar que a definição depende da sua função externa, porque algumas pessoas, principalmente em determinados contextos de fala, fazem uso dessa unidade léxico-fraseológica para dizer a outras pessoas o que fazer ou a atitude que devem tomar em relação a uma determinada situação.

Os provérbios Cabinda, ofertados aos filhos antes e depois do casamento, enquanto objetos etnográficos expressam valores culturais de uma comunidade em que os noivos ou maridos revelavam o sentir do coração sempre que um



acontecimento-chave tocava a sua relação conjugal. Neste artigo só analisaremos apenas um provérbio.

O surgimento dos provérbios parece estar atrelado à evolução dos povos. Na Grécia, o filósofo Aristóteles, na parte da Retórica consagrada à *inventio* (a arte de descobrir materiais verdadeiros ou verossímeis susceptíveis de tornarem plausível o objeto do discurso), possivelmente, incluía os provérbios no conjunto das "provas não artificiais", correspondente ao conjunto dos fatos considerados reais.

Alvarez (2008) informa que, na Índia, temos o livro *Pancha-tantra*, compilado entre 250-300 d.C., como o grande referencial. Nesta obra, procura-se transmitir a sabedoria dos antepassados através dos provérbios, que funcionam como uma espécie de modelo de comportamento.

Na África, particularmente os provérbios de Cabinda (Angola) apresentam uma verdadeira riqueza etnográfica. Para seu entendimento, é necessário fazer a leitura da mensagem verbal conectando-a aos vários animais e/ou objetos visualizados nas tampas de painéis. Os provérbios impressos são cartas enviadas uns aos outros: a família ao filho e à filha, antes ou depois do casamento, para lhes recordar certos princípios fundamentais na nova vida de casados. Eles eram esculpidos por um "advogado autóctone" que, mediante pagamento, ouvia a queixa e esculpia na tampa todo o pensamento a transmitir. Encontramos nestes provérbios um código perfeito das leis civis, tribais, morais e sociais das gentes do distrito de Cabinda<sup>3</sup> (Angola/África), como será discutido neste artigo. Nas considerações feitas a seguir comprovar-se-á a importância dos provérbios enquanto expressão da sabedoria popular

## **PROVÉRBIOS: O CONTEXTO HISTÓRICO**

Os provérbios expressam valores culturais de uma determinada comunidade. Eles ajudam na construção dos valores éticos e morais de uma sociedade. Em seu conjunto, são frases que retratam as realidades humanas.

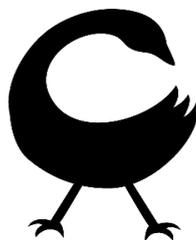
---

<sup>3</sup> O nome Cabinda surgiu da aglutinação do termo "Mafuca", que no idioma *woyo* significava o cargo do responsável do comércio do Rei, e o seu nome próprio *Binda*. Daí *Manfuca Binda*, passando depois a localidade a chamar-se Kabinda, e mais tarde Cabinda (MARTINS, 1972, p. 38).



Nem sempre os provérbios são entendidos. Podem perder seu sentido com o tempo, ou mudá-lo, uma vez que se encontram sempre inseridos num contexto histórico. Acatemos a ideia de que Sankofa refere-se tanto a um provérbio oral quanto de uma forma proverbial escrita. Portanto:

O termo Sankofa se traduz no português, ao pé da letra, como 'volte e pegue' (san – voltar, retornar; ko – ir; fa – olhar, buscar e pegar), mas pode ser elaborado como 'nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou para trás'. Trata-se de uma palavra-provérbio acompanhada de um desenho-símbolo em formato circular, uma forma de oralidade escrita ou de escrita oralizada. Sankofa constitui um elemento do conjunto ideográfico Adinkra (DRAVET e OLIVEIRA, 2017,p.14)



#### **Do provérbio**

*Se wo were fi na wo sankofa a yenkyi.*

#### **Tradução**

*Não é tabu voltar para trás e recuperar o que você perdeu.*

Sankofa é um dos ideogramas utilizados pelo sistema de escrita Adinkra, que compunha as várias formas de expressão escrita existentes na antiga África, utilizado pelos povos Akan, da África Central. Ele está sempre olhando para trás. A explicação é a seguinte: apesar do pássaro voar para frente olha continuamente para trás, para o seu passado. Lembra-nos que é impossível entender o presente sem entender e estar conscientes do passado.<sup>4</sup>

Pontes e Miotti (2020) discorrem sobre a teoria paremiológica que trata das sententiae e os proverbias na Antiguidade. Os pesquisadores, entretanto, apresentam Calpúrnio Flaco e seus Excerpta, autor e obra ainda pouco

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://ccsankofa.wordpress.com/2012/09/01/sankofa-simbolo-adinkra/> . Acesso em: 21 ago.2020.



explorados na tradição dos estudos retóricos no Brasil. Em síntese, o artigo informa sobre:

a) **Sententiae e proverbialia na teoria retórica** - “Os provérbios e sentenças [...] representam um papel social significativo, caracterizando-se como um marcador de identidade: ‘eles são o símbolo e a quintessência do mundo que representam’[...] são um índice de pertencimento a uma determinada comunidade e a seus valores.”(PONTES e MIOTTI,2020, p.68).Segundo Emanuele Lelli (2006),citado por Pontes e Miotti (2020,p.68-69) “os provérbios apresentem três características imprescindíveis: 1) a brevidade da formulação [...]; 2) a ‘tradicionalidade’ reconhecida e compartilhável do conteúdo; 3) a função didática, ética e moral [...], ‘o julgamento magistral, social e humano’ da mensagem[...];”;

b) **Calpúrnio Flaco e os Excerpta** - embora não exista (até o momento) “uma discussão teórica [...] de Calpúrnio Flaco quanto à presença de sentenças e provérbios em seus excertos de declamações [...] expressam conceitos gerais, às vezes (pseudo)filosóficos, e [...] eivados de conteúdo ético [...] sem identificação autoral”. (PONTES e MIOTTI, 2020, p. 72 -73);

c) **Provérbios e sentenças em Calpúrnio Flaco** – “temos pouca informação sobre o uso de provérbios por declamadores, em especial, em Calpúrnio Flaco”. (PONTES e MIOTTI, 2020, p. 73). Ao fazermos análise e examinarmos os exemplos que constituem material paremiográfico nas declamações de Calpúrnio Flaco, constatamos que, quase sempre, o discurso envolve crime de adultério, questões familiares e de racismo. Como exemplo temos: “Natus Aethiops (O filho negro) - *Expers iudicii est amor; non rationem habet, non sanitatem; alioquin omnes idem amaremus*, traduzido teríamos: “ O amor é desprovido de juízo; não tem razão, não tem sanidade; caso contrário, todos nós amaríamos do mesmo jeito”(PONTES e MIOTTI, 2020, p. 73).Ocorre que uma matrona é acusada de adultério posteriormente ter dado à luz a um bebê negro. Ainda sobre a maternidade podemos refletir no apresentado a seguir:

Há um provérbio africano que diz:

**" A mão que balança o berço governa a nação e o destino "**



Nesse sentido, o ventre da vida parte das perspectivas matriarcais gestando o poder responsável pela cura de nossa comunidade. Aquela que do seu peito alimenta mulheres pretas e homens pretos ao ver a luz da vida é também aquela que alimentará as lutas e reorganização dessas duas essências - Feminino e Masculino - plantando a cura e emancipação efetiva das populações africanas. Se o útero que nos gera é único, nos fragmentar nos torna órfãos da nossa própria essência histórica.<sup>5</sup>

Consideram os pesquisadores que a linha que separa provérbio e sentença é tênue, as sentenças utilizadas como provas conferem auctoritas ao seu enunciador, usadas como um adorno e dão embelezamento ao discurso, valendo - se de um discurso filosófico, conforme detalhamento presente em "**A mão que balança o berço governa a nação e o destino**", reflexão não pertencente ao artigo em análise, mas coaduna com a temática maternidade de mulheres negras. Os provérbios e sentenças, no referido estudo, mostram um lugar-comum que pode ser enunciado sob a forma de conselho ou de juízo.

Santos (2019), na produção escrita do seu doutoramento na USP, ratifica que a partir da leitura da "Cosmologia africana dos bantu-kongo" e de Makuku Matatu reconhece-se a relevância apontada nas sentenças em linguagem proverbial entre os bantu - kongo. Para a pesquisadora, o estudo das sentenças em linguagem proverbial representa um exercício de pensar o outro, ou seja, "um movimento de reconhecimento desse outro na nossa corporeidade cultural" (p.207). Ela argumenta, entre outras coisas, a necessidade da sensibilidade em relação às diferenças entre os provérbios, cuja intenção é compreender alguns fundamentos culturais e cosmológicos do continente africano. Na verdade, segundo a autora da tese, deve-se aceitar que as sentenças em linguagem proverbial "são portais possíveis para que se possa acessar a antiga cosmovisão bantu - kongo"(p.207). Por fim, diz que as sentenças em linguagem proverbial aproximam-se mais dos aforismos, devido o seu caráter filosófico.

---

5 Disponível em: <https://www.almapreta.com/editorias/o-quilombo/mulher-preta-mulherismo-africana-e-outras-perspectivas-de-dialogo>. Acesso em: 22 ago.2020



Massanga (2014) reporta-se a algumas práticas culturais vividas pela etnia Bawoio de Yabi, na província de Cabinda - Angola. A referida pesquisa buscou compreender os processos educativos e de afirmação identitária vividos pelos Bawoio, articulados à diversidade e ao complexo mosaico étnico, linguístico e cultural angolano. Segundo o autor, foram investigadas as seguintes práticas: o Tchikumbi (casa de tinta), o M'ukuela (Casamento/Alambamento), entendidas como aquelas que encarnam em si valores da mundividências destes povos, o seu *modus vivendi* e *operandi* enquanto homens e mulheres produtores de cultura e tradição, as quais devem ser preservadas, moldadas, ressignificadas e transmitidas de geração em geração. No contexto das práticas, foram apresentados também, não de maneira exaustiva, os Zinongo e Zingana (provérbios). A título de ilustração, o pesquisador enfatiza que:

[...] provérbio usado no casamento: 'n'candi I wombo I bolila mu luvukulo; ndje mona n'candi aku ono menezá u ivanguila'. Traduzindo: 'há vários coconotes (caroços de dendén) espalhados na lixeira e que não brotam; quando se acha uma a germinar, merece tudo cuidado.' O sentido do provérbio é: existem várias meninas (mulheres) à deriva e que precisam alguém que lhes leve a sério, ou seja, que lhes case, nem todas conseguem essa sorte. Quando aparece alguém interessado para casar a sua filha, a este devemos todo respeito, consideração e acolhimento (MASSANGA, 2014 p.127).

Vale a pena ressaltar que os provérbios (Zinongo e Zingana), embora sejam elementos que permeiam a realização de práticas culturais, na atualidade, estão caindo em desuso, porque cada vez menos se faz uso deste grande potencial antropológico-cultural destes povos. Ocorre que cada vez menos se ensina o valor dos provérbios às novas gerações e cada vez menos os jovens são motivados ou se interessam em usá-los e aprendê-los. É fato que "a aplicação contextualizada dos provérbios exige de quem o faz profundo conhecimento das normas de conduta, história das linhagens, domínio dos fatos históricos do povo e da terra a que pertence" (MASSANGA, 2014 ,p.125). Os provérbios têm a sua aplicabilidade na vida diária dos pertencentes a etnia Bawoio pelo fato de que são sobre eles que se fundamentam muitos argumentos quer do Tchikumbi quer do alambamento ou mesmo do casamento. Carece explicar, ainda, que em Angola, o alambamento, ou seja, pedido da mão da noiva



é ainda uma tradição cultural bastante forte e considerado mais importante do que o casamento civil ou religioso.

Os provérbios são utilizados desde a antiguidade nas interlocuções dos indivíduos. Eles são considerados por estudiosos da etnolinguística, antropologia cultural e antropologia linguística como uma produção cultural e fonte de informação, além de serem amplamente utilizados popularmente e incorporarem atitudes populares. Para muitos pesquisadores, o modo mais rápido de entender uma pessoa ou uma determinada cultura é aprender os provérbios a elas relacionados.

Por meio dos provérbios a sabedoria popular é transmitida e perpetuada, apresentando experiências de vida e vivências no campo das relações morais entre as pessoas. Ocorre, por assim dizer, uma espécie de educação invisível na transmissão e uso dos provérbios pelas pessoas, independente de cor, sexo, faixa etária e religião. O uso de provérbios na forma oral ou escrita varia entre as culturas.

### **OS PROVÉRBIOS CABINDA: ORIGEM E CONSTITUIÇÃO**

Para explicar a questão da identidade cultural dos provérbios africanos nos testos<sup>6</sup> de panelas dos Cabinda (Angola/África), é necessário reportarmos aos missionários do Espírito Santo que, por volta de 1946 (séc. XX), aportaram no distrito de Cabinda (Angola /África) e, através do diálogo com os velhos moradores da localidade, puderam interpretar as “cartas-provérbios” e entender alguns dos seus significados. Observaram que cada figura apresenta uma locução proverbial, contendo muitas vezes uma admoestação ou sentença moral.

Os provérbios dos Cabinda são apresentados em 274 peças, com “interpretações” das situações familiares (VAZ, 1969). Dessa forma, temos 5 grupos, a saber: 1) testos oferecidos pela família ao filho antes e depois do casamento (1 a 8); 2) testos oferecidos pela família à filha antes e depois do casamento (9 a 48); 3) testos oferecidos pelo homem à mulher (49 a 87); 4) testos oferecidos pela mulher ao marido (88 a 262); 5) testos oferecidos por um

---

<sup>6</sup> Vem do latim *testu* que significa tampa de barro para vasilha da mesma substância.



dos cônjuges (263 a 274). Neste artigo, para mostrar a relação amorosa expressa nos provérbios, a nossa análise reportar-se-á a um Testo oferecido pela família ao filho antes do casamento, coligido por Vaz (1969), apresentado no livro *Filosofia Tradicional dos Cabinda* (doravante FTC) (vol.1), publicação da Agência-Geral do Ultramar, Lisboa-Portugal.

É importante ressaltar as dimensões das tampas: o testo 1 – diâmetro: 16,50 cm, o testo 2 (R) – diâmetro: 17,50 cm, o testo 3 (R) – diâmetro: 16 cm, testo 4 – diâmetro: 17 cm, testo 5 – diâmetro: 15,50 cm, testo 6 (R) – diâmetro: 16,50 cm. A letra (R) que aparece junto a alguns textos indica que estes são representativos, ou seja, verdadeiros e autênticos < *fac – símile* >, não são originais, mas são exatos<sup>7</sup>.

As figuras sugerem uma locução metafórica, relacionada à estrutura familiar dos Cabinda. Nessa estrutura, os membros obedecem à lei do matriarcado, em que o verdadeiro chefe da família é o tio materno, o irmão mais velho da mãe.

A arte impressa nas tampas de painéis parece aproximar-se da escrita ideográfica dos chineses e também da escrita hieroglífica dos egípcios. A decifração só foi possível quando os missionários do Espírito Santo, sendo o principal representante o Padre José Martins Vaz, durante dez anos de investigação (1948 -1958), recorreu aos velhos do povo de Ngoyo e descobriram que cada figura apresenta uma locução proverbial.

Os textos, esculpidos em tampas de painéis, além do seu valor artístico, funcionam como uma espécie de cartas dirigidas a alguém. Eles são feitos por homens. São de madeira, em geral da madeira da *árvore nsanha*, feitos de uma só peça com figuras em alto ou baixo relevo.

Nos textos, encontram-se um ou vários provérbios. Para proceder à leitura ou explicação deve-se começar a leitura pela figura central, passando à que se encontra ao alto e, depois, pela direita. Os provérbios, geralmente, eram oferecidos durante a refeição, conforme sinalizaram os velhos moradores que ajudaram os missionários na “decifração” de cada tampa de painel.

---

<sup>7</sup> As tampas têm dimensões diferenciadas e expressam a necessidade de reconhecimento da autoridade ou da chefia que, por extensão, pode ser o chefe da família (*nkanda*) (SERRANO, 1993, p. 143).



No contexto angolano, Cabinda é uma das 18 províncias de Angola, pertence à vasta família dos povos bantos e ao grupo linguístico quicongo. É um enclave, por não possuir ligação com o resto do território nacional. Tem como superfície 7.283 km<sup>2</sup> (GPC, 2007, p. 2) e uma população estimada em cerca de 700.000 habitantes (BUZA *et al.*, 2011). Enfatizamos, pois, que “Cabinda reveste-se de um carácter especial, tendo em conta que a província é considerada uma ilha continental, afastada territorialmente do centro de decisão, delimitada por fronteiras políticoadministrativas, com dupla subordinação (provincial e regional)” (MASSANGA, 2014 p.126).

Os provérbios dos Cabinda constituem uma verdadeira riqueza etnográfica. Macêdo (2008) diz que na quarta categoria estão os *ji-sabu*, provérbios em que avulta a concisão. São largamente usados na fala cotidiana: “para prova das afirmações que se fazem ao correr de um discurso, para decisão final, numa troca de impressões, a fim de destacar a ideia-mestra do diálogo; para conclusão de julgamentos [...]” (VALENTE, 1973, p. XI).

### **APLICAÇÃO DA TEM À COMPREENSÃO DE PROVÉRBIOS**

Para compreender os provérbios, estudiosos da Linguística Cognitiva (LC) têm utilizado as metáforas para explicá-los. Abreu (2010, p. 41) diz que “Nunca se produziram, em todo o mundo ocidental, tantos trabalhos sobre a metáfora como nos últimos anos [...]”. Metáfora é uma palavra de origem grega e significa mudança, transporte. Este termo foi definido inicialmente por Aristóteles nas obras sobre poética e retórica. Na metáfora, o sentido próprio, real e objetivo é transformado para um sentido figurativo e representativo. A metáfora, enquanto importante mecanismo cognitivo de estruturação de conceitos está presente na linguagem, em nossos pensamentos e nas nossas ações.

---

8 A Linguística Cognitiva surgiu nos finais da década de 70 e princípios de 80, impulsionada, por um lado, pelo interesse pelo fenómeno da significação (já evidenciado, aliás, pelo movimento da Semântica Gerativa, mas, ao contrário deste, fora da tradição gerativa) e, por outro, pela investigação psicolinguística de Eleanor Rosch sobre o papel fundamental dos protótipos no processo de categorização. Só em 1990 é que se institucionaliza, com a criação da ‘*International Cognitive Linguistics Association*’, da revista ‘*Cognitive Linguistics*’ (dirigida por Dirk Geeraerts) e da coleção ‘*Cognitive Linguistics Research*’ (editada por René Dirven e Ronald Langacker e publicada por Mouton de Gruyter). Os representantes principais da Linguística Cognitiva são os norte-americanos (da Califórnia) George Lakoff e Leonard Talmy (SILVA, 2004, p. 1).



Ela nos possibilita conhecer, construir, produzir, dar sentido ao conhecimento de maneira a possibilitar integração com a cultura de um povo, é um recurso conceptual largamente utilizado pelos seres humanos diariamente, principalmente quando entram em ação as nossas emoções. A essência do processo metafórico é entender e explicar algo em termos de outro (LAKOFF; JOHNSON, 1980; ABREU, 2010).

À LC interessam os seguintes temas: as características estruturais da categorização linguística (tais como prototipicidade, polissemia, modelos cognitivos, metáfora e imagens mentais), os princípios funcionais da organização linguística (iconicidade e naturalidade), a interface conceitual entre sintaxe e semântica, a base pragmática ligada à experiência da linguagem-no-uso e a relação entre linguagem e pensamento (incluindo questões sobre o relativismo e sobre os universais conceituais) (FERRARI, 2011).

Os cientistas cognitivos concordam em três principais pressupostos: a mente é inerentemente corporificada e imaginativa; a maior parte dos pensamentos é inconsciente; abstratos conceituais são em grande parte metafóricos (LAKOFF, 1987). É isso que nos demonstra que esses cientistas compartilham da crítica ao dualismo cartesiano ocidental.

## **REFLETINDO SOBRE A SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES**

Hochschild (2003), ao reportar-se à Sociologia das emoções, refere-se ao processo em que as pessoas tomam como referência um padrão de sentimento ideal construído na interação social. Ocorre que as pessoas procuram manusear e administrar suas emoções profundas para adequá-las a essa expectativa quando não estão sentindo assim internamente. Na verdade, as emoções funcionam como uma espécie de mensageiro do self, ou seja, um agente que relata cada momento a conexão entre o que estamos vendo e o que esperávamos ver.

Bonelli (2003) lembra que Hochschild (2003), no livro *The commercialization of intimate life*, junta seu olhar sobre o mundo do trabalho e a vida familiar, dando ênfase à construção de conceitos relacionados a Sociologia das Emoções. Assim, sintetiza a trajetória intelectual dos últimos 20



anos, que em um determinado momento se deteve sobre o trabalho emocional em atividades profissionais e em outro momento preocupou-se com o cotidiano dos casais com filhos pequenos, avançando na densidade teórica de sua concepção, articulando cultura, emoção, família, trabalho, cuidados e personalidade. Vale ressaltar que:

[...] Hochschild aborda a problemática das regras de sentimentos que considera pouco teorizada na obra de Goffman. Assim, ela constrói códigos de gênero apoiando-se nos recursos culturais dos quais as mulheres extraem, combinam, misturam e equilibram códigos mais ou menos femininos e masculinos de forma semiconsciente. A tipologia formada a partir desses recursos contrasta o tipo tradicional (hierárquico) e o moderno (uma forma de igualitarismo), tendo por base diferentes aparências, jeitos de vestir, estilos de interação, expressões e posturas do rosto, do corpo, das mãos, da fala, das regras de sentimentos e da administração das emoções. Experimentar como esses códigos são sentidos pelas mulheres leva ao processo de encaixar ou não o código com o self essencial. A ironia é o tom que eclode quando a pessoa não consegue reter aquele código nem pode deixá-lo ir embora.[...](BONELLI, 2003,p.367)

Hochschild (2003) enfatiza também que na abordagem sociológica das emoções relacionam-se alguns sentimentos, a exemplo de: raiva, luto, deferência, inveja, afeto, alegria, culpa, entre outros, a fatores e contextos sociais. A partir dessas ponderações, pergunta-se: Será que as tampas de panelas de barro do povo Cabinda revelam esses sentimentos?

Vergani (1988) lembra que os provérbios, na África, apelavam para uma agilidade de espírito capaz de “atualizar” o conhecimento da experiência ancestral. Por isso, antigamente, quando um esposo queria comunicar à mulher uma mensagem carregada de sentido, revelando o “sentir do coração”, principalmente quando um acontecimento-chave tocava a sua relação conjugal, dirigia-se a um artesão e a ele encomendava um *libaia linzungu*<sup>9</sup> que descrevesse, após escolha pertinente das figuras a esculpir, o estado dos seus sentimentos, como esperança, decepção, fidelidade, satisfação, censura, orgulho, dor, ameaça, desejo de reconciliação, pedido de ajuda.

---

<sup>9</sup> No singular: *libaia linzungu*; os “*bawoyo*” chamam-lhe-iam “*taampha*” (plural: *mataampha* (CORNET, 1980, p. 31) que teria influenciado a palavra portuguesa “tampa” (VERGANI, 1988, p. 94).



O marido geralmente oferecia à esposa um *libaia linzungu* no fim da refeição, antes que ela viesse a retirar o prato. O que ocorria era o seguinte: substituía a tampa que a mulher trouxera na hora em que serviu a refeição por aquela que mandara fazer; assim a tampa que mandara fazer tornava transparente as suas mágoas ou alegrias.

### **LINGUAGEM, CULTURA E COGNIÇÃO: RELAÇÕES ENTRE LINGUÍSTICA COGNITIVA E CULTURA**

Langacker (1994) sugere a seguinte chave interpretativa das relações entre linguagem, cultura e cognição: linguagem e cultura são “facetas imbricadas” da cognição. Segundo o autor, sem a linguagem um certo nível de conhecimento/desenvolvimento cultural não poderia ocorrer e, inversamente, um alto nível de desenvolvimento linguístico só se obtém através da interação sociocultural. Devemos considerar, ainda, que certos aspectos da linguagem são não culturais, porque capacidades psicológicas provavelmente inatas (como a capacidade para articular sons) e certos aspectos da cultura são basicamente não linguísticos, na medida em que são apreendidos por meios não linguísticos e são culturalmente específicos. Os aspectos linguísticos não culturais não deixam de ser culturalmente manifestados e convencionalizados e, inversamente, o conhecimento cultural originariamente não linguístico faz parte da convenção linguística ou do significado convencional, mesmo que não chegue a ser verbalizado (SILVA, 2004).

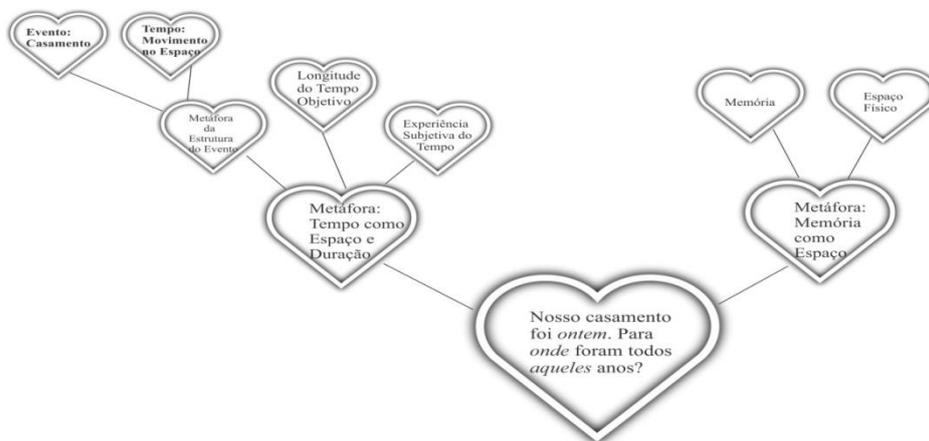
Gibbs (1994), dentre outros aspectos, a) aborda o equívoco do significado literal como algo facilmente identificável no pensamento e na linguagem, resultante da crença metafórica de que as palavras são “*containers*” de significados exatos e que, em enunciações, somos capazes de “passar” esses significados para os nossos interlocutores; b) aponta a necessidade de se formar um conceito estável de literalidade, para poder distingui-la da figuração e para que se possa conduzir o debate sobre a compreensão da linguagem figurada sem o problema da multiplicidade de conceitos de significado literal implícitos nas discussões das ciências cognitivas; c) esclarece que a visão de metáfora como anomalia gerou o modelo pragmático de compreensão, segundo o qual,



na compreensão de qualquer metáfora, o leitor precisa analisar o literal da expressão, perceber o desvio e, posteriormente, procurar o significado figurado.

Fauconnier e Turner (2008, p. 53) admitem que há uma rede de integração que indica uma estrutura mais rica do que as mesclagens aos pares, para eles “[...] Essas redes de integração são muito mais ricas do que os feixes de ligação”. Acontece que “tais redes de integração são criadas a partir de vários espaços *input* e constituídas por estruturas convencionais e inovações [...] e “a partir de processos de compressão e descompressão, na mesclagem, são criadas contrafactuais nas relações temporais, espaciais ou de identidade”. (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 126-129). Comprova-se que Fauconnier e Turner (2008) ampliam seu modelo de quatro espaços mentais por meio da “*conceptual integration networks*”, ou seja, rede de integração conceptual. A figura 1, será explicada a seguir.

Figura 1 - Mesclagem metafórica como rede de integração



Fonte: Adaptado de Fauconnier (2008).

Fauconnier e Turner (2008) apresentam mesclagens múltiplas, em que podemos observar uma fusão de vários espaços *input*, algumas vezes baseada em mesclagens já existentes, que servem como um novo espaço *input*. A partir daí se abrem possibilidades para novas mesclagens. Observando a frase “Nosso casamento foi ontem. Para onde foram todos aqueles anos?” (FAUCONNIER; TURNER, 2008, p. 63), partiremos à análise atentando para o seguinte: num primeiro nível, aparece uma mesclagem entre *input* 1 eventos (casamento) e



*input 2* tempo (movimento experimentado através do espaço físico), que tem como resultado o espaço mescla metáfora da estrutura do evento, formando o novo *input 1* que, aliando-se com o *input 2*, longitude do tempo objetivamente medida (“todos aqueles anos”), que se choca com o *input 3*, no caso a experiência subjetiva (“ontem”). Conclui-se que, este novo espaço mesclado forma o *input 1* ao qual se acrescenta um *input 2*, formando um espaço mesclado como resultado da fusão entre memória e espaço físico, sendo que o resultado final consiste em vários espaços input de níveis diferentes. Na verdade, a teoria das redes de integração cria exemplos novos, “buscando modelar a evolução dinâmica das representações *on-line* de locutores em situações concretas” (SCHRÖDER, 2010, p. 137). Mousinho (2003, p. 19), para mostrar a importância dos Modelos Cognitivos Idealizados (doravante MCI) na organização do nosso pensamento, lembra que: “[...] a palavra casamento nos remete a uma série de imagens do ritual em si [...], das pessoas, comportamento esperado, das motivações para um casamento (amor, formação de família, prototipicamente um homem e uma mulher,...), das relações do casamento (estabilidade, filhos, traição, divórcio,...) e assim por diante”. Os MCI, de Lakoff (1987), foram postulados a partir de estudos de antropologia e psicologia cognitiva. Eles referem-se aos conhecimentos adquiridos ao longo das experiências sociais e disponíveis culturalmente. Outra importante observação a ser feita diz respeito à noção de categorização, que no modelo proposto organiza a linguagem e passa a ser muito mais flexível, com exemplos mais prototípicos e menos prototípicos.

## **ANÁLISE DO PROVÉRBIO NÃO SE PODE FAZER A PAR, COMER E ASSOPRAR**

**Figura 2 - Representação do Provérbio – Não se pode fazer a par, comer e assoprar**





Fonte: Adaptado de Vaz (1969)

Em relação à apresentação e análise do provérbio “*Não se pode fazer a par, comer e assoprar*”, trilharemos para o seguinte entendimento: as figuras 1 e 2 representam um homem puxando duas cordas, enquanto a figura 3 representa o coconote. Relacionando as figuras com a mensagem do provérbio, temos que “Não se pode puxar duas cordas ao mesmo tempo”. Para os cabindenses, o referido provérbio é especialmente para o homem que namora, ou casa, com duas mulheres ao mesmo tempo. Ele deve lembrar que durante o tempo de namoro terá que juntar alambamento para as duas, ao mesmo tempo. Se casar com as duas, terá, possivelmente, dificuldades e dissabores, pois dificilmente se entenderão. O sentido para nosso contexto é: “Não se podem fazer duas coisas ao mesmo tempo” (VAZ, 1969, p. 45).

Vale ressaltar que, na cultura dos Cabinda, os nativos fazem muito uso do dendém para preparar os alimentos, daí colocam detrás da casa o caroço (coconote), chegando a juntar uma grande quantidade na esperança de um dia vender. Acontece, porém, que a maior parte apodrece por exposição diária ao sol e à chuva. Assim sendo, depreende-se desta figura que há gente boa e má, tal como no monte de coconote há bons e podres, e que, portanto, as aparências enganam. Tem-se então um provérbio equivalente bem popular em nossa cultura: “*Nem tudo que reluz é ouro*”.

A explicação, associando-se o coconote ao homem puxando duas cordas, é que o homem ou rapaz não deve namorar duas ao mesmo tempo e deve ser prudente na escolha, porque “Olha que vemos caras e não vemos corações”. É bom lembrar que, às vezes, “as mulheres parecem boas e saem depois uns bons trastes [...]” (VAZ, 1969, p. 46).

Leffa (1996) discute duas definições antagônicas para leitura (1) ler é extrair significado do texto e (2) ler é atribuir significado ao texto. Em relação à primeira definição, percebemos que a direção é do texto para o leitor. Na segunda, é do leitor para o texto. Uma boa explicação talvez esteja no entendimento dos verbos “extrair” e “atribuir”. Segundo Leffa, quando usamos o verbo “extrair” damos mais importância ao texto, mas quando usamos o verbo “atribuir” a ênfase centra-se no leitor. A partir dessas considerações, podemos



analisar o provérbio “*Não se pode fazer a par, comer e assoprar*” sob duas perspectivas: interna e externa, que nos permitem associar o provérbio do ponto de vista do leitor para o texto e do texto para o leitor, além da extrapolação para o contexto social.

O provérbio analisado refere-se ao período antes do casamento, quando a família aconselha ao filho que seja condescendente e respeitador para com a futura esposa. No entanto, a família adverte-o, também, de que não deve ser bom demais, pois a bondade em excesso pode ser confundida com falta de firmeza.

### **Considerações Finais**

Este trabalho oferece uma contribuição sobre estudo de provérbios africanos, uma vez que pouco foi investigado a esse respeito até o momento. A partir do estudo realizado compreendemos que os provérbios são símbolos para construir realidade na cultura, por isso, à medida que a sociedade constrói a realidade, os provérbios ajudam a formar a soma total de que “o que todo mundo sabe” sobre um mundo social. Provérbios, então, são um importante sistema de símbolos para ajudar a construir e manter a visão de realidade da cultura.

Apresentamos reflexões a respeito dos provérbios africanos como objetos etnográficos que expressam valores culturais de uma determinada comunidade, o olhar linguístico e a contribuição da sociologia das emoções. Como elencados na revisão teórica, apresentamos os provérbios a partir da caracterização e contexto histórico, assim como os provérbios Cabinda, atentando para a origem e constituição destes. Na perspectiva de Serrano (2000, p. 164) “os provérbios expressam em si mesmos uma forma de reter a experiência humana, com fins moralizantes, sendo possível categorizá-los como um saber baseado na memória”. Confirma-se, entretanto, que os provérbios expressam em si uma forma de memorizar a experiência humana, com fins moralizantes, no que se pode denominar um saber mnemônico. As figuras dos textos trazem conceitos e relações abstratas e traduzem a particularidade de situações familiares de uma determinada comunidade africana.

A TEM diz respeito ao que acontece em nossas mentes, quer dizer, refere-



se aos conjuntos construídos pela de memória à medida que pensamos e falamos. Essa teoria não é simbólica, quer dizer, não consiste na manipulação de símbolos na mente da forma como o sistema lógico o faria. Na verdade, construímos espaços cognitivos elaborados que incluem muita informação visual, informações imaginativas. Alguns símbolos do poder associados a representações gráficas esculpidas em tampas de panela (*Mabaya Manzangu*) e a enunciação de provérbios utilizados entre os Bawoyo de Cabinda (Angola) apresentam-se como processo ritual de solucionar tensões e conflitos familiares.

Em linhas gerais, os argumentos apresentados neste artigo reforçam a ideia de que a leitura precisa ser considerada como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas. A leitura movimenta diferentes funções no cérebro; as estratégias cognitivas utilizadas na leitura apresentam relação com os princípios que regem o comportamento inconsciente do leitor; a compreensão em leitura é o resultado da interação escritor, texto e leitor, uma atividade de processamento e integração da informação realizada pela mente humana. As inferências devem ser compreendidas como informações que o leitor adiciona ao texto, realizadas em diferentes momentos da leitura. Ainda, as inferências cognitivo-culturais ocorrem por intermédio da interferência da cultura do indivíduo.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. **Linguística cognitiva**: uma visão geral e aplicada. Cotia, SP: Ateliê, 2010.
- ALVAREZ, M. L. O. **Cada macaco no seu galho**: um estudo dos padrões de uso dos provérbios brasileiros e seus equivalentes em espanhol e russo. In: GRANJA, M. A. de la (org.). *Fixed Expressions in Cross-Linguistic Perspective: a multilingual and multidisciplinary approach*. 1 ed. Hamburg: Verlag Dr. Kovac, 2008, v. 1. p. 117-139.
- BONELLI, M. da G. **Arlie Russell Hochschild e a sociologia das emoções**. In: *Cadernos pagu* (21) 2003. p.357-372.
- BUZA, A. G. *et al.* **O tchikumbi em cabinda**: o esvaziamento de uma prática e saber tradicional de educação familiar. In: *CONLAB*, 11., 2011. Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
- DRAVET, F.M.; OLIVEIRA, A. S. de. **Relações entre oralidade e escrita na comunicação**: Sankofa, um provérbio africano. In: *Miscelânea*, Assis, v. 21, p. 11-30, jan.- jun. 2017.



FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **“Rethinking Metaphor”**. In: Gibbs, Raymond W. Jr. (Ed.). *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 53-66.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. ***The way we think***: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities. New York, Basic Books, 2002.

FERRARI, L. ***Linguística cognitiva***. São Paulo: Contexto, 2011.

GIBBS JR., R. W. ***The poetics of mind: figurative thought, language and understanding***. University of California, Santa Cruz. Cambridge University Press, 1994.

HOCHSCHILD, A. R. ***The commercialization of intimate life: notes from home and work***. Berkeley, The University of California Press, 2003.

LAKOFF, G. ***Women, Fire, and Dangerous Things***: What Categories Reveal about the Mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. ***Metaphors we live by***. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. W. ***Culture, cognition, and grammar***. In: PÜTZ, M. (Ed.). *Language Contact and Language Conflict*, 25-53. Amsterdam: John Benjamins, 1994.

LEFFA, V. J. ***Aspectos da leitura***: uma perspectiva psicolinguística. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

MARTINS, J. ***Cabinda***: história, crenças, usos e costumes. 1972. (C.T.C.M. de Cabinda – Angola).

MASSANGA, J.P. ***Diversidade cultural em Cabinda***: estudo sobre as identidades e práticas culturais dos Bawoio do Yabi. 2014. 277f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

MOUSINHO, R. ***Aspectos linguísticos-cognitivos da síndrome de asperger: projeção, mesclagem e mudança de enquadre***. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

NACISCIONE, A. A. ***Cognitive stylistic perspective of proverbs***: a discourse – based approach. In: SOARES, R. J. B.; LAUHAKANGAS, O. (Eds.). *The 6 th interdisciplinary colloquium on proverbs, ACTAS ICP 12 Proceedings*. Tavira: AIP-IAP, 16 – 26, 2013.

OBELKEVICH, J. ***Provérbios e história social***. In: BURKE, P.; PORTER, R. *História social da linguagem*. São Paulo: UNESP, 1997.

PONTES, J. S. ;MIOTTI, C. M. Declamação e paremiologia: alguns exemplos de provérbios e sentenças nos excerpta de Calpúrnio Flaco. In: *Revista Graphos*, vol. 22, nº 1, 2020, UFPB/PPGL, p.67 – 82.

SANTOS, T.S.N. ***A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil***. 233 f. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.



SCHRÖDER, U. **A mesclagem metafórica de Fauconnier & Turner e as teorias de Karl Bühler e Wilhelm Stählin: antecipações e complementos.** *Revista da ABRALIN*, v. 9, n. 1, p. 129-154, jan./jun. 2010.

SERRANO, C. **O imaginário e o sentido apotropaico no simbolismo gráfico da arte africana.** *Perspectiva sobre Angola*. Coimbra, Departamento de Antropologia. Publicado pelo Centro de Estudos Africanos, n. 18, p. 19-24, 2000.

SERRANO, C. **Símbolo do poder nos provérbios e nas representações gráficas mabaya manzangu dos bawoyo de Cabinda-Angola.** *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, v. 3, p. 137-146, 1993.

SILVA, A. S. **Linguagem, cultura e cognição, ou a Linguística Cognitiva.** In: SILVA, A. S. da; TORRES, A. ; GONÇALVES, Miguel (org.). *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*. Coimbra: Almedina, v. I, p. 1-18, 2004.

VALENTE, J. F. **Paisagem africana (Uma tribo angolana no seu fabulário).** Luanda: Instituto de investigação científica de Angola, 1973.

VAZ, J. M. **Filosofia tradicional dos Cabinda.** Lisboa: Agência-geral do Ultramar, 1969. v. 2.

VERGANI, T. **Um discurso conjugal em relevo: para uma decodificação posicional das figuras esculpidas nos Maboia Manzangu de Cabinda.** *Revista Internacional de Estudos Africanos*, v. 8, p. 93-155, 1988.